

Sem multiplicar as gavetas racionalistas, Moscovici (2003), a partir de uma disciplina plural – a Psicologia Social – constituiu um campo sem lhez dar muros, ou seja, criou um plano teórico amplo sem dar conceitos fechados que pudessem impedir seu crescimento.

Wendel Freire

Metodologias em representações sociais aplicadas ao estudo de programas de jornal na educação

Methodologies in social representations applied to study programs of newspaper in education

WENDEL FREIRE*

Resumo

Este artigo apresenta reflexões acerca do desenho teórico e metodológico de uma pesquisa que busca, nas representações de professores, a sua percepção do uso pedagógico do jornal na escola. A pesquisa foi realizada por meio de procedimentos metodológicos de grupo focal e análise de conteúdo, tendo, na base teórica, o enfoque das representações sociais. O artigo introduz a análise de elementos da teoria das representações, na perspectiva de Serge Moscovici. Analisam-se, em seguida, fundamentos do grupo focal, como técnica de levantamento de dados e análise de conteúdo. Apresentam-se, então, representações de professores sobre o uso do jornal na escola, observando-se, nesse uso, uma forma de abordagem política e contextualizada do ensino.

Palavras-chave:

Jornal na educação; Representação Social; Grupo focal.

Abstract

This article presents reflections on the theory and methodology of a research that seeks, in representations of teachers, their perception of the use of newspaper in a pedagogical way at school. The survey was conducted through methodological procedures which involved focal groups and content analysis, having in its theoretical basis, the focus of social representations. The paper introduces the analysis of elements of the theory

* Mestre em Educação pela UFF; Coordenador pedagógico de O Dia na Sala de Aula - projeto de Jornal e Educação do Grupo O Dia de Comunicação/RJ; E-mail: wendelfreire@gmail.com

of representations from the perspective of Serge Moscovici. Elements of the focal group are analyzed as a technique for data collection and content analysis. To sum up, the use of newspapers at school are shown through representations of teachers noticing a political and contextualized approach in education.

Keywords:

Newspaper in education; Social Representation; Focal group.

Introdução

Na sua busca pela verdade, o filósofo iluminista René Descartes (1596-1650) entendeu que o homem a alcançaria, somente, suprimindo radicalmente o imaginário e a vontade. Como afirma Gerard Duveen, no prefácio do livro de Serge Moscovici (2003), Descartes foi contra o relativismo inerente à cultura, proclamando que da razão nasceria a certeza, a verdade. Resgatando a importância dos aspectos cultural e social na produção do conhecimento, Moscovici opõe-se ao cartesianismo em uma ciência da cultura – “desprovida de razão”, como queriam seus críticos – que se foi construindo a partir do texto *La psychanalyse, son image et son public*, de 1961, e deu forma ao campo de estudos em Representações Sociais.

Anticartesiana, a noção de Moscovici nos traz uma “teoria geral dos fenômenos sociais” e uma “teoria específica dos fenômenos psíquicos”, defendendo que “o que as sociedades pensam de seus modos de vida, o sentido que conferem a suas instituições e às imagens que partilham constituem uma parte essencial de sua realidade, e não simplesmente um reflexo seu” (MOSCOVICI, 2003, p. 173).

Sem multiplicar as gavetas racionalistas, Moscovici (2003), a partir de uma disciplina plural – a Psicologia Social – constituiu um campo sem lher dar muros, ou seja, criou um plano teórico amplo sem dar conceitos fechados que pudessem impedir seu crescimento. A prova de que sua prudência estava correta é podermos encontrar referências às Representações Sociais e usos da teoria em diversos estudos de Comunicação, Medicina, Educação, entre outros campos do conhecimento.

Se a imagem que fizemos do racionalismo foi a de conhecimentos e práticas engavetados, devidamente separados e catalogados, podemos nos arriscar em uma imagem de prateleiras para as Representações Sociais. A grande teoria de Moscovici tem desdobramentos teóricos que reservam, às mãos do pesquisador, prateleiras com diversas técnicas de coleta de dados (entrevistas abertas, estruturadas ou semiestruturadas; questionários; grupos focais) e diversas metodologias de análise – desde a análise de conteúdo, de Laurence Bardin (1986), até as análises automatizadas por programas computacionais, como o Alceste e o Evoc – aplicadas qualitativamente, quantitativamente ou de modo a combinar essas duas vertentes.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n.3, p.51-64
jan./jun. 2010*

Prateleiras teórico-metodológicas

Depois do mergulho teórico em representações sociais e do desenho do objeto, o pesquisador se vê diante dos vários traços e cores que as questões teórico-metodológicas oferecem. De uma teoria matriz, proposta por Moscovici, temos pelo menos três matizes teóricas, com Denise Jodelet, Jean-Claude Abric e Willem Doise; e com diferentes matizes teóricos, haverá diferentes caminhos metodológicos. A teoria das Representações Sociais acolhe uma gama enorme de possibilidades metodológicas e tem como “característica singular”, amplamente democrática, “não privilegiar qualquer método particular de pesquisa” (FARR apud ALMEIDA, 2005, p. 135). Cada abordagem teórica aponta suas orientações metodológicas (SÁ, 1998; ALMEIDA, 2005):

- a abordagem cognitivo-estrutural de Jean-Claude Abric, que propõe hierarquias entre os conteúdos da representação, introduz a noção de núcleo e elementos periféricos, em que o núcleo “é o elemento mais estável da representação, o que mais resiste à mudança”. A transformação da representação se dá pelos flancos, “por uma mudança do sentido ou da natureza de seus elementos periféricos” (ABRIC, 2001, p. 163). A abordagem cognitivo-estrutural aponta o método experimental como caminho para a quantificação e a qualificação dos objetos;
- a abordagem societal ou sociológica de Willem Doise, que procura articular explicações de ordem individual e de ordem societal (em dinâmicas interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais), realiza estudos relacionais por meio de métodos quantitativos (ALMEIDA, 2005);
- a abordagem processual ou culturalista de Denise Jodelet, que mantém atual a proposição original de Moscovici e entende as representações como “definições partilhadas” nos processos e produtos simbólicos dos indivíduos, construídas como uma “visão consensual da realidade” (JODELET, 2001, p. 71), utiliza técnicas e métodos qualitativos.

O pesquisador que estiver trabalhando na perspectiva teórica de Jodelet trabalhará sob métodos qualitativos. que venha a optar por Abric, sob o método experimental. Sob as proposições de Doise, os métodos quantitativos farão maior sentido. Estas relações atribuídas, porém, não devem constituir uma camisa-de-força.

Podemos imaginar três prateleiras de técnicas associadas às correntes teóricas apresentadas:

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n.3, p.51–64
jan./jun. 2010*

Técnicas de coleta e análise de dados¹

CORRENTE TEÓRICA	COLETA	ANÁLISE
Cognitivo-estrutural	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário fechado • Associação livre • Constituição de pares de palavras • Comparação de conjuntos de palavras 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise quantitativa inferencial • Análise fatorial • Análise multidimensional • Análise de similitude • Comparações pareadas
Societal	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário aberto • Questionário fechado • Entrevista estruturada 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise quantitativa descritiva • Análise tridimensional
Processual	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista • Questionário • Grupo focal • Análise de documento • Fotografia, desenho ou gráfico 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de conteúdo • Análise do discurso • Análise de categorias • Análise lexical • Análise temática • Análise documental

Tais prateleiras não contêm todas as possibilidades de realização de coleta e análise de dados, mas, talvez, as mais usuais. Relacionar as técnicas dessa maneira não significa afirmar que uma técnica de coletar dados esteja necessariamente atrelada a um determinado tipo de tratamento desses dados, ou, ainda, que a escolha de uma técnica impeça sua combinação com outras.

Como exemplo disso, podemos citar o questionário fechado, que é usado mais frequentemente pela pesquisa quantitativa, mas que pode perfeitamente ser utilizado em uma perspectiva qualitativa.

Sobre a pretensa incompatibilidade entre métodos quantitativos e qualitativos, (OLIVEIRA, 2005, p. 87) faz a seguinte observação:

a pesquisa quantitativa começa com uma ideia (frequentemente articulada como uma hipótese), com a qual, através da mensuração, gera dados e, por dedução, tira conclusões. A pesquisa qualitativa, ao contrário, começa com uma intenção de explorar uma área particular, coleta "dados" (observações e entrevistas), e gera ideias e hipóteses a partir desse dado, em grande parte através do que é conhecido como raciocínio indutivo.

O isolamento, fruto do cartesianismo, ainda se faz presente, mas aos poucos vai cedendo espaço ao pensamento complexo (MORIN, 2000), pois

¹ Este quadro foi constituído a partir das minhas anotações como aluno especial da disciplina Tópicos Especiais em Psicologia Social I (Técnicas de Pesquisa em Memória e Representações Sociais), ministrada por Celso Pereira de Sá e Denize Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UERJ), 2008.2.

a vida é tecida em conjunto, e não em partes. Assim, não podemos separar razão do imaginário, ciência da arte ou indução de dedução sem algum prejuízo. Nas palavras de Minayo (apud OLIVEIRA, 2005, p. 87), “indução e dedução vão necessariamente a par como síntese e análise”.

Coleta de dados

As escolhas feitas pelo pesquisador estarão, certamente, sujeitas ao encontro acertado entre técnicas e matizes teóricas, mas também, se não principalmente, ao seu tempo disponível: amálgama do tempo pessoal com o tempo acadêmico. Se o pesquisador dispõe de um tempo curto – vamos imaginar, um ano – será de grande valia a opção por ferramentas simples, realistas. Se, ao contrário, dispõe de 4 anos, pode compor um desenho complexo de coleta e análise, com 4 ou mais ferramentas.

Seja qual for a escolha do pesquisador, ele precisa levar em conta a influência da sua conduta no momento da coleta de dados; para isso, o pesquisador deve perseguir o *rapport* – palavra francesa que poderia ser traduzida por “empatia” e que ressalta a capacidade de gerar confiança e compreensão entre duas ou mais pessoas. Não cabem nessa postura a arrogância e o desdém. Isso vale tanto para entrevistas, quanto para grupos focais.

A coleta de dados pode ser realizada a partir de entrevistas, questionários e grupos focais. Cada qual apresenta vantagens e desvantagens a serem avaliadas em função do objeto e dos sujeitos pesquisados.

O grupo focal

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados primários. Nela, um grupo de discussão sobre um tema, formado por participantes que possuem conhecimentos e práticas similares, é orientado e instigado por um mediador. Para a composição de um grupo focal, aceita-se como número ideal dez participantes, além do mediador e do observador (figura responsável pelo registro de todas as falas, gestos e alterações que ocorrerem durante o processo de trocas).

Das técnicas mencionadas acima, a coleta por meio do grupo focal é a que mais pode se aproximar de uma conversa espontânea (BANCHS, 2005), desde que o mediador saiba conduzir o grupo, estimulando os integrantes a conversarem sem pensarem que a reunião se dá a partir de uma necessidade específica, segundo interesses do investigador, em um ambiente não necessariamente familiar – em outras palavras, cabe ao mediador fazer do artifício de agrupamento algo o mais natural possível.

Entre vantagens e desvantagens da coleta pela formação do grupo focal, o saldo é positivo. Por um lado, pode revelar o viés de um único integrante, que pode vir a ser o moderador, dependendo de como ele tenha desenvolvido seu papel, ou um participante, que desvie o assunto ou atraia o grupo para

questões individuais. Por outro, o grupo focal traz flexibilidade suficiente para admitir novas perguntas, apresenta um custo relativamente baixo, com resultados mais fidedignos, e, de certa forma, rápidos e, o melhor, aproxima da conversa espontânea.

En todo grupo focal y, dependiendo obviamente de la o el moderador, el proceso se desarrolla de una forma tal que con frecuencia los participantes llegan a olvidarse de la presencia del moderador. Al menos esto es algo que debemos aspirar: tratar de hacernos invisibles para que la dinámica siga su propia organización, con el mínimo de interrupciones (salvo cuando el tema se aleja definitivamente del objetivo, cuando alguna persona inhibe la participación del resto, cuando se producen conflictos, cuando emergem emociones o se inician procesos psicológicos em alguna de las personas y en situaciones similares). (BANCHS, 2005, p. 413)

A pesquisa original, realizada pela John Snow Brasil, analisou as “demandas sociais atendidas pelos Programas Jornal e Educação em sete capitais: Brasília/DF, Recife/PE, Fortaleza/CE, Belém/PA, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP e Florianópolis/SC”, a partir dos depoimentos de educadores e estudantes. Este artigo faz um recorte nos dados primários coletados pela John Snow Brasil – a saber, educadores de Programas Jornal e Educação da capital carioca: O Dia na Sala de Aula (Jornal O Dia) e Quem Lê Sabe Mais (O Globo) – para realizar uma análise qualitativa de conteúdo no referencial teórico das representações sociais.

Leremos a seguir o mencionado recorte, que apresenta trechos do colóquio entre os professores, reunidos sob o olhar e os estímulos do mediador.

Dados primários

Os alunos estão descobrindo a leitura além do livro didático.

O jornal sempre fez parte do trabalho da escola. O jornal é um instrumento de trabalho do professor, principalmente se ele quer contextualizar sua matéria, como o professor de história, geografia... tendo a oportunidade de ter um projeto com todo um planejamento, organização e o jornal na mão é um presente para o professor.

Quanto mais o professor vive essa realidade na sala de aula, ele não consegue mais deixar trabalhar com o jornal na sala de aula.

Eu achei interessante uma pesquisa que nós fizemos. Mande uma semana que os alunos levassem o jornal para casa e perguntei quem além deles teria lido o jornal. E eu fiquei muito surpresa que em casa muitos teriam lido, os vizinhos, os pais, avós... e eles até hoje querem levar (...) Como temos acesso fácil a jornais, não percebemos a

Conhecimento & Diversidade, Niterói, n.3, p.51–64
jan./jun. 2010

dificuldade que nossos alunos têm.

Às vezes as pessoas têm uma ideia errada de que os alunos não gostam de ler, mas às vezes é falta de acesso e eles acabam se viciando na televisão. Mas quando se disponibiliza, a gente nota o interesse deles.

Percebi uma melhora muito grande nas produções de texto. Passaram a escrever muito mais, a não ter tanta preguiça, acabaram aquelas perguntas: quantas linhas? Escrevem livremente e a crítica está muito mais elaborada e mais fundamentada. Eles começam a perceber que não adianta criticar por criticar. Tem que ter uma argumentação, então tem que saber argumentar. Ficam mais polêmicos, mas procuram e têm cuidado de se informar primeiro. O grande benefício tem sido a melhora nas redações.

O uso do jornal no cotidiano é melhor que o uso didático que tem textos horríveis (...) Toda a parte de vocabulário, semântica e sintaxe eu uso do jornal. Um dia descobriram uma separação de sílabas e concordância verbal errada no jornal e foi uma festa: eles erraram!

Peguei a turma de 5º ano que passou por uma colega no ano passado e trabalhou com jornal e esse ano eu sou professora de língua portuguesa deles. São altamente críticos, por causa do trabalho com o jornal.

Para cada momento de intervenção pedagógica tem um tipo de texto que é mais apropriado. O livro didático pode não ser maravilhoso para todos os momentos (...) e o jornal, particularmente, como é um tipo de texto com características bem marcadas, você consegue trabalhar com aluno até as outras habilidades comunicativas, que é o ouvir e o falar também, saindo da leitura e da escrita. Porque quando você conta uma notícia para um grupo de 20, 30, 40, 50 pessoas, você está treinando a audiência, o fato de estar ali assistindo alguma coisa. E que há momentos de falar, momentos de ouvir, mas sempre é momento de se comunicar.

Você pode trabalhar da Educação Infantil ao Ensino Médio com qualquer estratégia pedagógica, porque o jornal tem capacidade de se adequar a todas as faixas etárias e você faz qualquer trabalho interdisciplinar partindo dele.

No caso do jornal, os nossos alunos escrevem bem, mas escrevem muito melhor do que escreviam antes com o trabalho que nossa escola desenvolve com a expressão escrita e argumentação (com o jornal). Hoje eles têm diferencial em termos de Enem, de vestibular. Mudou a classificação do colégio no Enem por causa da redação (...) e o trabalho com o jornal tem um lugar significativo dentro dessa conquista.

Com certeza, se programas como o Jornal e Educação fossem universalizados, como política pública, nosso país teria uma posição melhor em avaliações como o Pisa.

Em todos os lugares (escolas públicas e particulares) o jornal

é importante.

O contato com a cultura escrita e formas diferentes de pensamento é um trabalho que o jornal proporciona.

Sem parcerias a escola fica numa situação muito delicada, pela falta de pessoal e falta de tempo. Mensalmente, os professores vão até o jornal e lá tem sugestões, sugestões de assuntos, metodologias de trabalho... a gente sai do espaço da escola e agrega novos olhares.

É interessante ter autonomia para trabalhar, mas deve haver uma coisa instaurada, genérica, uma formação e uma capacitação profissional do docente para trabalhar, para que haja uma abordagem dessa metodologia (de trabalho com jornal). Porque cada um corre atrás da sua formação, mas isso tudo é muito individualista e quando tem uma parceria com o jornal a preocupação é dividida e todo mundo se beneficia, um vê o trabalho do outro, colhe sugestões e agrega para sua prática.

Seria ótimo ter um portal para que houvesse ter troca entre professores que trabalham com jornais. Um professor do Acre pode saber o que o professor de São Paulo está fazendo...

"D. Maria Helena, eu fiquei tão feliz com esse jornal que a senhora está trabalhando. Eu nunca vi minha filha ler nada em casa e ela tava lendo jornal!"

O projeto político pedagógico é uma diretriz da LDB, é um projeto norte. Por que não colocar todas as mídias como um braço desse projeto? Se você não lê mídia, você não lê.

A globalização é em tempo real, o jornal é em tempo real e a educação também tem que ser em tempo real.

Havendo vontade política para isso, há comprovação científica dos resultados de uma educação para a mídia. O que há de teses com temas na área de educação pela mídia, é recorrente. Além da nossa prática, há todo um trabalho científico em cima desse tema e com resultados. É uma questão de querer investir, porque há trabalhos científicos sérios embasando teoricamente tudo isso.

Análise de dados: análise de conteúdo

O método investigativo da análise de conteúdo tem origem bastante longínqua, nas primeiras tentativas de interpretação dos livros sagrados, mas sua configuração, seus princípios e conceitos fundamentais aparecem bem detalhados no denso trabalho de Laurence Bardin, *Análise de conteúdo*, de 1977 (TRIVIÑOS, 2006). A análise de conteúdo, composta de uma série de técnicas de análise, tornou-se um eficaz meio para o estudo das comunicações escritas, orais e não verbais (gestos e expressões faciais, por exemplo). Pode, portanto, ser aplicada a textos jornalísticos, documentos, filmes, livros, bem como à observação de gestos e expressões surgidos durante uma entrevista, por exemplo.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n.3, p.51-64
jan./jun. 2010*

Bardin (1986) destaca três fases no trabalho interpretativo:

1. Pré-análise

Na pré-análise, organiza-se o material reunido para a constituição do *corpus* de pesquisa (os dados primários apresentados acima) para, então, realizar a leitura geral, “flutuante” (BARDIN, 1986). Essa leitura tem a finalidade de formular hipóteses – conjecturas sobre o fenômeno observado – e questões para a orientação das fases seguintes, relacionadas ao objetivo geral da pesquisa.

2. Análise descritiva

Na análise descritiva acontece a exploração do material organizado na pré-análise. Nesta fase, é possível elencar as ideias levantadas pela leitura flutuante e buscar sínteses em semelhanças e/ou divergências.

A análise descritiva das falas dos sujeitos, coletadas durante o grupo focal, permite a identificação das seguintes ideias:

– *O jornal como instrumento de trabalho do professor:*

O jornal sempre fez parte do trabalho da escola. O jornal é um instrumento de trabalho do professor, principalmente se ele quer contextualizar sua matéria, como o professor de história, geografia... tendo a oportunidade de ter um projeto com todo um planejamento, organização e o jornal na mão é um presente para o professor.

Quanto mais o professor vive essa realidade na sala de aula, ele não consegue mais deixar trabalhar com o jornal na sala de aula.

– *O jornal como objeto de interesse da família e vizinhos:*

Eu achei interessante uma pesquisa que nós fizemos. Mandei uma semana que os alunos levassem o jornal para casa e perguntei quem além deles teria lido o jornal. E eu fiquei muito surpresa que em casa muitos teriam lido, os vizinhos, os pais, avós... e eles até hoje querem levar (...). Como temos acesso fácil a jornais, não percebemos a dificuldade que nossos alunos têm.

– *O acesso ao jornal como fator de estímulo à leitura e o interesse pelo jornal como possível substituto do interesse pela televisão:*

Às vezes as pessoas têm uma ideia errada de que os alunos não gostam de ler, mas às vezes é falta de acesso e eles acabam se viciando na televisão. Mas quando se disponibiliza, a gente nota o interesse deles.

– *O jornal como fator de estímulo à redação:*

Conhecimento & Diversidade, Niterói, n.3, p.51–64
jan./jun. 2010

Percebi uma melhora muito grande nas produções de texto. Passaram a escrever muito mais, a não ter tanta preguiça, acabaram aquelas perguntas: quantas linhas? Escrevem livremente e a crítica está muito mais elaborada e mais fundamentada. Eles começam a perceber que não adianta criticar por criticar. Tem que ter uma argumentação, então tem que saber argumentar. Ficam mais polêmicos, mas procuram e têm cuidado de se informar primeiro. O grande benefício tem sido a melhora nas redações.

No caso do jornal, os nossos alunos escrevem bem, mas escrevem muito melhor do que escreviam antes com o trabalho que nossa escola desenvolve com a expressão escrita e argumentação (com o jornal). Hoje eles têm diferencial em termos de Enem, de vestibular. Mudou a classificação do colégio no Enem por causa da redação (...) e o trabalho com o jornal tem um lugar significativo dentro dessa conquista.

– O jornal como texto didático:

O uso do jornal no cotidiano é melhor que o uso didático que tem textos horríveis (...) Toda a parte de vocabulário, semântica e sintaxe eu uso do jornal. Um dia descobriram uma separação de sílabas e concordância verbal errada no jornal e foi uma festa: eles erraram!

– O jornal como fator de estímulo à leitura e à crítica:

Peguei a turma de 5º ano que passou por uma colega no ano passado e trabalhou com jornal e esse ano eu sou professora de língua portuguesa deles. São altamente críticos, por causa do trabalho com o jornal.

“D. Maria Helena, eu fiquei tão feliz com esse jornal que a senhora está trabalhando. Eu nunca vi minha filha ler nada em casa e ela tava lendo jornal!”

– O jornal como fator de desenvolvimento de habilidades comunicativas:

Para cada momento de intervenção pedagógica tem um tipo de texto que é mais apropriado. O livro didático pode não ser maravilhoso para todos os momentos (...) e o jornal, particularmente, como é um tipo de texto com características bem marcadas, você consegue trabalhar com aluno até as outras habilidades comunicativas, que é o ouvir e o falar também, saindo da leitura e da escrita. Porque quando você conta uma notícia para um grupo de 20, 30, 40, 50 pessoas, você está treinando a audiência, o fato de estar ali assistindo alguma coisa. E que há momentos de falar, momentos de ouvir, mas sempre é momento de se comunicar.

Política e diversidade

- O jornal como instrumento de possível uso em todos os níveis de ensino:

Você pode trabalhar da Educação Infantil ao Ensino Médio com qualquer estratégia pedagógica, porque o jornal tem capacidade de se adequar a todas as faixas etárias e você faz qualquer trabalho interdisciplinar partindo dele.

- A importância política, pedagógica, socioeducacional e cultural do jornal:

Com certeza, se programas como o Jornal e Educação fossem universalizados, como política pública, nosso país teria uma posição melhor em avaliações como o Pisa. Em todos os lugares (escolas públicas e particulares) o jornal é importante.

O contato com a cultura escrita e formas diferentes de pensamento é um trabalho que o jornal proporciona.

Sem parcerias a escola fica numa situação muito delicada, pela falta de pessoal e falta de tempo. Mensalmente os professores vão até o jornal e lá tem sugestões, sugestões de assuntos, metodologias de trabalho... a gente sai do espaço da escola e agrega novos olhares.

O projeto político pedagógico é uma diretriz da LDB, é um projeto norte. Por que não colocar todas as mídias como um braço desse projeto? Se você não lê mídia, você não lê.

A globalização é em tempo real, o jornal é em tempo real e a educação também tem que ser em tempo real.

Quanto mais o professor vive essa realidade na sala de aula, ele não consegue mais deixar trabalhar com o jornal na sala de aula.

- A necessidade de estudo, da formação docente, para melhor uso pedagógico do jornal:

É interessante ter autonomia para trabalhar, mas deve haver uma coisa instaurada, genérica, uma formação e uma capacitação profissional do docente para trabalhar, para que haja uma abordagem dessa metodologia (de trabalho com jornal). Porque cada um corre atrás da sua formação, mas isso tudo é muito individualista e quando tem uma parceria com o jornal a preocupação é dividida e todo mundo se beneficia, um vê o trabalho do outro, colhe sugestões e agrega para sua prática.

3. Análise referencial

Na análise referencial, o pesquisador promove a associação entre a base teórica e as ideias identificadas e exemplificadas nas falas. Aqui, no exemplo trabalhado, serão trazidos elementos para a argumentação sobre o valor e as possibilidades pedagógicas do jornal.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n.3, p.51–64
jan./jun. 2010*

A análise das respostas, empregando-se o método Análise de Conteúdo de Bardin (1986), com especial atenção às etapas de análise descritiva e análise referencial, revela a maneira positiva com que os professores percebem o uso didático-pedagógico do jornal.

Os professores apropriaram-se do projeto – cujo objetivo maior declarado é o incentivo à leitura – e ressignificaram seu papel na escola. Afinal, uma importante função das representações sociais é, justamente, ressignificar, pois “as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais” (JODELET, 2001, p. 22). Desse modo, o jornal se transforma em um *instrumento de trabalho* que vai muito além do estímulo ao hábito de ler e da ferramenta pedagógica para formar leitores *altamente críticos*.

Uma parceria que, em princípio, se limitaria a jornal e escola ultrapassa este âmbito e, a partir de um cotidiano escolar dinâmico, chega às casas, aos vizinhos, pais e avós dos alunos. Uma ação que pode trazer de volta o velho hábito de reunião familiar dialógica, em substituição ao que temos nas salas onde a televisão ocupa um lugar central. O projeto se torna chave de acesso para terceiros, em benefício do próprio aluno, a uma materialidade que, de outra forma, não chegaria àqueles lares. E na falta desse acesso, *eles acabam se viciando na televisão*.

Por entenderem que projetos de Jornal e Educação contribuem com o trabalho interdisciplinar, com a formação continuada dos professores e, portanto, com o crescimento qualitativo dos alunos, os professores acreditam que, se esses programas *fossem universalizados, como política pública, nosso país teria uma posição melhor em avaliações como o Pisa*.

Entendendo, como Denise Jodelet, a “representação como uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto” (2001, p. 27), podemos dizer que os professores apreendem o projeto Jornal e Educação com as seguintes ideias: de que a presença do jornal contribui com o trabalho do professor, bem como com sua formação continuada; de que a materialidade levada à escola ultrapassa seus muros; de que a parceria agrega valor às escolas e de que tais iniciativas deveriam ser integradas às políticas públicas.

Considerações finais

Nessas últimas considerações, reiteramos a necessidade de um estudo preliminar à pesquisa, para que o investigador das representações sociais experimente diferentes técnicas de coleta e análise de dados e possa combiná-las de modo satisfatório.

Também, cabe aqui lembrar a importância do cuidado na interação com o grupo pesquisado, de forma a buscar a imparcialidade sobre o material reunido. No grupo focal, principalmente, pode-se perder a riqueza da proximidade com a conversa espontânea em uma condução que não privilegie a discrição. Do uso da Análise de Conteúdo, podemos reafirmar

sua eficácia na explicitação da estrutura do conteúdo e de seus elementos constituintes.

A despeito de havermos trabalhado sobre um exemplo de pesquisa qualitativa, não queremos reforçar a suposta oposição entre esse tratamento e o quantitativo. Fizemos um recorte pequeno à guisa de exemplo, mas, a partir de um *corpus* de pesquisa robusto, teria sido possível quantificar o aparecimento de palavras e trabalhar qualitativamente sobre a incidência delas, entre outras tantas ações analíticas.

Referências

ABRIC, J. C. **O estudo experimental das representações sociais**. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ALMEIDA, A. M. O. A pesquisa em representações sociais: propostas teórico-metodológicas. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (Orgs.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Alagoas: Editora UFPE, 2005, p. 117-160.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

BANCHS, M. A. Representaciones sociales em proceso: su análisis a través de grupos focales. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Editora UFRPB, 2005, p. 401-423.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: ____ (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

John Snow Brasil. **Relatório da Pesquisa Qualitativa sobre os Programas Jornal e Educação**. Brasília, julho de 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Pontuando ideias sobre o desenvolvimento metodológico das representações sociais nas pesquisas brasileiras**. *Rev. bras. enferm.* [online]. 2005, v. 58, n.1, p. 86-90. ISSN 0034-7167.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.